



O TEMPO CORPÓREO E SENSÍVEL DA CIDADE: UM ESTUDO DA MODERNIDADE NO RECIFE A PARTIR DA LITERATURA[√]

Marcos Alexandre ARRAES*

RESUMO

Este artigo é sobre corpo. O corpo da cidade, o corpo sensível e o corpo expressivo da palavra. Buscarei, a partir de um estudo da modernidade na cidade do Recife, percorrer os afetos que as transformações dos dispositivos urbanos produziram nos viventes e foram expressos pela literatura, procurando demonstrar que o tradicionalismo, além de uma **presença** comum no modernismo brasileiro, reveste-se de outros corpos e sentidos na cidade do Recife, ficando-se como um desejo de passado e resistência diante dos assombros da modernidade. Em outras palavras, busco perceber que efeitos sensíveis e, logo, também corpóreos, as transformações de ordem técnica no corpo físico da cidade do Recife produziram nos seus viventes a partir da expressão poética. A argumento central do texto é defender que a perplexidade diante da perda dos vestígios materiais do passado produziu efeitos materiais nos corpos dos viventes, fazendo emergir a nostalgia enquanto refúgio, sendo a literatura a mídia de expressão desses afetos e sentidos.

Palavras-chave: Cidade. Modernidade. Tradição. Corpo. Materialidade.

[√] Artigo recebido em 15 de setembro e aprovado em 01 de dezembro de 2018.

* Doutor em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com período Sanduíche no Department of Film and Media Studies da Universidade da Califórnia (Irvine). Professor Adjunto do Departamento de História da Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: <maarraes@gmail.com>

*Saí menino de minha terra.
Passei trinta anos longe dela.
De vez em quando me dizem:
Sua terra está completamente mudada,
Tem avenidas, arranha-céus...
É hoje uma bonita cidade!*

Meu coração ficava pequenino.

*Revi afinal o meu Recife,
Está de fato completamente mudado.
Tem avenidas, arranha-céus:
É hoje uma bonita cidade.*

Diabo leve quem pôs bonita a minha terra

Manuel Bandeira

1 TÉCNICA, ESTÉTICA, POLÍTICA: EFEITOS SENSÍVEIS

Na nona das suas **Teses Sobre o Conceito de História**, Walter Benjamin descreve, a partir do quadro **Angelus Novus**, de Paul Klee, o que seria o anjo da História: uma figura de olhos voltados para o passado e perplexo frente a uma cadeia de acontecimentos que pode então perceber. Um anjo, que, diante do progresso que podia encarar retrospectivamente, parecia querer afastar-se por ver ali uma montanha de escombros, a destruição da História, então transformada em amontoados de lixo (BENJAMIN, 1987).

Os mesmos sentimentos de perplexidade e choque podem ser percebidos no Recife durante as primeiras décadas do século XX, período em que o mundo passou por rápidas e decisivas transformações. Mudanças tecnológicas proporcionaram novos aparatos e engendraram novas relações de trabalho e produção, que, por sua vez, deram lugar a outras formas de sociabilidade diante da nova conjuntura sócio-político-cultural. Cenário este que teve a Primeira Grande Guerra Mundial como o marco decisivo do novo tempo que nascia.

O Recife, então ainda uma cidade provinciana e palco das oligarquias tradicionais, vê-se acuada e paralisada diante de tamanhos abalos e, principalmente, da rapidez com que estavam acontecendo.

O mundo havia passado por grandes transformações e as velhas formas de perceber e posicionar-se diante do mundo não mais se coadunavam. Novos

dispositivos fundam uma nova sensibilidade, um novo regime perceptivo (ULM, 2018). Eram outras conjunturas que exigiam novas diretrizes e novos paradigmas. No entanto, onde buscá-los? Que sentimentos são despertados diante dessas novidades, numa cidade costumeiramente representada e apresentada por suas tradições e a defesa intransigente de seu passado? O Recife das sinhás, dos bondes com tração animal e o Recife saudosista dos tempos da infância, tão cantado em versos por Manuel Bandeira e em prosa por Mario Sette – este último, um dos escritores ícones do tradicionalismo na cidade – encontrava-se em estado letárgico.

Aqui uma importante observação: não entendo o tradicionalismo e o provincianismo de que falei acima enquanto fatores naturais da cidade, como que intrínsecos à sua aura urbana, mas sim enquanto formações discursivas, uma construção através de imagens e palavras que visam a essa significação. Em outras palavras, o tradicionalismo recifense acontece na ordem do discurso, dando significação e sentido à cidade. A cidade, enquanto morada dos viventes, não é feita apenas do espaço físico enquanto tal, bastando a si mesmo. É também espaço receptáculo de sentidos, imagens e discursos atribuídos.

Contudo, ao direcionar o olhar para as formações discursivas não estou querendo valorizar o irreal, o não existente, o fabricado ou o fantasioso. Trata-se de uma análise do não corpóreo, mas, ainda assim, material, tal como defende Foucault a respeito do acontecimento:

Certamente o acontecimento não é nem substância nem acidente, nem qualidade, nem processo; o acontecimento não é da ordem dos corpos. Entretanto, ele não é imaterial; é sempre no âmbito da materialidade que ele se efetiva, que é efeito; ele possui seu lugar e consiste na Relação, coexistência, dispersão, recorte, acumulação, seleção de elementos materiais; não é o ato nem a propriedade de um corpo; produz-se como efeito de e em uma dispersão material. (FOUCAULT, 1985).

Mais que isso, não procuro dar ênfase apenas a produção de sentido, ao campo hermenêutico (GUMBRECHT, 2010). Procuro ir além de uma tradição historiográfica, em particular, e das ciências humanas, em geral, que se consolidou a partir de um fetichismo da matéria, tomando-a apenas como uma superfície de primeira ordem, que precisaria ser penetrada para fazer emergir sua verdade última e completa. Em última análise, estou entendendo o tradicionalismo enquanto um

discurso que emana dos vestígios materiais do passado, das memórias e sentimentos que estes vestígios produzem nos corpos. Discurso que também precisa de um veículo material de expressão, de um aparato medial para realizar-se e produzir presença.

Vale salientar, todavia, que esse acontecer do tradicionalismo está dentro de um jogo de embates e disputas bastante amplo, não sendo processo meramente endógeno ao Recife. No caso em foco, ele toma corpo no início do século XX com a emergência da modernidade no Brasil como um todo e se reveste de nova roupagem na capital pernambucana.¹ Nesse momento, as capitais do centro-sul do País começavam a despontar como grandes centros capitalistas, nos quais ia se construindo os espaços da modernidade, do progresso e da civilização aos moldes da modernidade europeia – a *belle époque* –, que tinham na Paris de Haussman seu maior ideal. Cidades como Rio de Janeiro e São Paulo transformavam-se e adquiriam uma nova imagem, mais limpa e eficiente de acordo com o regime perceptivo da modernidade. No entanto, não apenas o ardil estético movia o espírito reformista. Adequar-se aos novos tempos, atingir os ideais de civilização, ordem e progresso do momento requeria também novos instrumentos de controle.

Para tanto, entra em cena o saber/poder da medicina social e seu discurso higienista, construindo novas redes de esgotos, ditando normas e padrões sanitários e expurgando dos grandes centros urbanos instalações inadequadas à saúde e ao bem-estar. Estética, higiene e controle: esses enunciados não são singulares e não funcionam fora dos aparatos tecnológicos da modernidade. Ao contrário, agem todos de forma imbricada, de modo a dar corpo e sentido às imagens e dizeres de modernidade então vigente. Não basta resignificar, redizer os vestígios do passado, dando a eles novos sentidos... é preciso destruí-los, dar

¹ É sempre bom frisar que a tradição é um fator cultural “inventado”, induzido hermeneuticamente, fruto de uma elaboração discursiva e que visa a determinados efeitos de verdade. No entanto, como nos mostram Eric Hobsbawm e Terence Ranger, as tradições são inventadas a todo o momento em todas as culturas como uma resposta a uma necessidade sentida por determinados grupos sociais dentro de condições materiais específicas que proporcionam essa necessidade. Tais elaborações são mais visíveis naqueles períodos em que as condições e os suportes materiais de existência passam por transformações rápidas que mudam a forma e os padrões sociais para os quais as “velhas tradições” foram feitas. Assim, como procurarei demonstrar, parece ser o caso do Recife na década de 20. (HOBBSAWN; RANGER, 1997).

espaço à novidade, dar lugar às novas tecnologias e dispositivos, deixando, atrás de si, amontoados os escombros do passado²:

Observa-se, desde já, o porquê das reformas do Rio de Janeiro terem alcançado tanta repercussão. Elas abrangiam todos os elementos necessários para dotar uma cidade dos padrões da modernidade então almejada. A uma modernização das instalações e equipamentos portuários, de inestimável importância para a manutenção e ampliação do fluxo comercial com os mercados externos (a bem da verdade, tratava-se quase que exclusivamente de uma adequação às novas condições técnicas que presidiam a realização do comércio internacional, cujos navios e volume de mercadorias transportadas exigiam instalações compatíveis), associou-se toda sorte de medidas destinadas a combater as inaceitáveis condições sanitárias da cidade, juntamente com uma remodelação das feições arquitetônicas/urbanísticas da mesma – capazes de retirar-lhe qualquer vestígio de um acanhado burgo colonial, e revesti-la, contrariamente, dos inequívocos signos definidores de uma metrópole moderna. (TEIXEIRA, 1994, p. 4).

1. OS INTELLECTUAIS E SEUS MEIOS

No contexto narrado acima, os Estados do norte e nordeste, menos favorecidos economicamente, passavam a ser constituídos como locais do atraso e o Rio de Janeiro como a referência por excelência para as demais cidades brasileiras, tal como Paris foi para o mundo ocidental. É no bojo dessa formação da subjetividade capitalística (GUATARRI; ROLNIK, 2007) no Brasil e das relações de poder a ela relacionadas que vão emergir os dizeres constitutivos dos limites espaciais ou regiões e suas especificidades. Assim, o Nordeste passa a ser dito e visto, sendo reconhecido como uma região de fortes laços arcaicos e atrasados, o que passará a fazer parte também dos dizeres dos próprios **nordestinos**:

O recorte espacial que toma forma no redesenho da economia e do poder nas primeiras décadas do século XX, é concomitante ao investimento simbólico realizado pelos intelectuais, os de Pernambuco muito particularmente, que resultará num conjunto geográfico, chamado *Nordeste*, dentro do qual serão fixados os elementos identitários reunidos pelos modernistas-tradicionalistas liderados por Gilberto Freyre. Eles darão forma e cor a esse recorte espacial argamassado nas relações oligárquicas do mundo tradicional, apontando sua oposição identitária em relação ao conjunto à frente do qual se encontrava São Paulo (...). O *Nordeste* foi, de fato, uma grande criação na qual laboraram decisivamente os modernistas-tradicionalistas do Recife. (ARRAIS, 2006, p. 20-21).

² A esse emaranhado de discursos/efeitos, tal como os vejo aqui, Benjamin chamou de “embelissement stratégique”, ou embelezamento estratégico, ou seja, uma reforma estética que possuía além de sua face física, um sentido de controle das massas, com a abertura de novas avenidas mais largas para evitar barricadas, normas de comportamento, etc. (BENJAMIN, 1985).

Os intelectuais recifenses, então, passam a revisitar seus elementos tradicionais, recheando-os de poesia e positividade. Tal intento, contudo, não teria a mesma substância não fosse o importante papel desempenhado pelos *mass media* no momento em questão, não apenas no Recife, como em todo o Brasil. Falamos aqui da primeira e segunda décadas do século XX, quando o rádio e outros aparatos de comunicação de massa modernos ainda não haviam se consolidado no país. Os jornais e a literatura, portanto, constituíam os principais meios de informação e de formação da cultura e sociedade. Acrescenta-se a isto, o papel desempenhado pelos intelectuais como porta-vozes do Estado.³ Destarte, como nos demonstra Weinstein:

É certo que a força e importância que o intelectual assume nesse processo de tomada de decisões políticas não se deve apenas ao poder de convencimento e sedução que sua verve exerce sobre o conjunto dos agentes sociais, mas também à proximidade e quase promiscuidade com que se relaciona com o Estado – tanto mais quanto se pensa no caso do intelectual brasileiro. Todavia, ainda agora, no momento em que se aproxima do Estado, no momento em que passa a atuar do interior de suas instâncias deliberativas, o único poder do intelectual é o de produtor cultural, é o de convencer da validade e justeza de suas idéias (*sic*). Convencer as chamadas elites dirigentes, e não a massa ignara, mas ainda e sempre convencer. (TEIXEIRA, 1994, p. 25).

Esses enunciadores, portanto, gozando de um importante papel sociocultural além de certo prestígio na sociedade em questão, participaram ativamente da constituição da modernidade brasileira, no geral, e recifense, em particular, atuando, dessa forma, enquanto agentes da modernidade.⁴ Agiam, contudo, através de uma medialidade em transformação, mas ainda, em grande medida, pré-moderna. Esses agentes viam a cidade ao seu redor transformar-se, os vestígios de um passado memorial serem varridos e eram moldados por seus aparatos mediais: “‘Media,’ (...) ‘determine our situation’. They certainly determine our appreciation of them. The

³ Refiro-me à participação dos intelectuais na burocracia estatal. Diversos autores ressaltam a importância do emprego público para os intelectuais na primeira metade do século XX, devido à instabilidade e pouca segurança financeira alcançada apenas com o trabalho intelectual. Para maiores informações, vide: MARTINS, Luciano. A gênese de urna intelligentsia: os intelectuais e a política no Brasil; in *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, nº. 4, São Paulo: ANPOCS, 1987 e PECÁUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil*. São Paulo: Ática, 1990.

⁴ No entanto, como em qualquer estrutura discursiva, diversos são os agentes de sua formação, não sendo os intelectuais, nesse caso, os únicos agentes da modernidade, tendo partilhado essa atividade enunciativa com vários outros agentes. Contudo, tal discussão não encaixaria na proposta deste estudo. Cf. Teixeira, Flávio Weinstein. *Op. Cit.*

media of the present influence how we think about the media of the past or, for that matter, those of the future”⁵ (*apud* KITTLER, 1999, pg. 12). Portanto, seria a nostalgia um recurso influenciado pela medialidade do período em questão? Eis uma hipótese que ficará, a princípio, sem resposta. Importa, no entanto, pontuar que os intelectuais de então expressavam-se por meio de jornais ainda em grande parte textuais, mas em busca de maiores recursos imagéticos. As rádios, por outro lado, eram pouco desenvolvidas e o cinema ainda incipiente e voltado mais para entretenimento que para expressão artístico-intelectual. A imprensa ainda era o grande dispositivo dos intelectuais.

A atividade dos intelectuais foi de grande importância para a constituição da cidade, não apenas a nível simbólico, ao construir “as imagens que em grande medida foram sendo transmitidas aos sentidos daqueles que percorreram e percorrem as ruas orientados pela literatura vigorosa” (ARRAIS, 2006, p. 15) de seus escritores, mas também a nível material, na medida em que dão suporte e visibilidade às intervenções político-estratégicas no seu espaço físico. Na verdade, esses dois níveis tornam-se um só na constituição do que chamo de cidade.

2. CORPOS AFETADOS: A CIDADE E SEUS VIVENTES

O poder público também é partícipe dessa constituição, não apenas como receptáculo dos efeitos discursivos, mas também como agente de transformação material e discursiva. É nesse sentido que, no caso em estudo, o poder público passa a agir para **salvar** o Recife do atraso em que se encontrava e enquadrá-lo aos mecanismos e exigências dos novos tempos.

Diversas foram as medidas nesse sentido, sendo a porta de entrada da cidade, o porto, o primeiro receptáculo dessas iniciativas. Visando a superar antigos problemas, as obras ali foram inauguradas em 1909, sendo finalmente concluídas no ano de 1924, na administração de Sérgio Loreto (1922-1926), governador que se destacou no período por suas iniciativas modernizadoras da cidade. Ainda sob o mandato deste último, foram construídas novas ruas, avenidas, praças e parques, e outros espaços mais antigos foram modificados para alinhar a cidade às exigências

⁵ A mídia determina nossa situação. Ela certamente determina nossa apreciação dela. A mídia do presente influencia como pensamos sobre a mídia do passado ou, nesse sentido, aquela do futuro. As traduções deste artigo foram todas realizadas de forma livre por seu autor.

da modernidade então em voga. Esse ímpeto reformista que atingia o centro e a periferia da cidade, onde velhas ruas também são alargadas e ampliadas – algumas outras, ainda, rebatizadas na tentativa de desconectá-las do seu passado – possuía o duplo objetivo de dar passagem aos automóveis particulares, novo fetiche de alguns recifenses abastados, e transformar em vias de concreto os antigos mangues e alagadiços, tão prejudiciais à saúde pública segundo o ideal higienista. Todas essas transformações nos dispositivos materiais da cidade proporcionavam efeitos corpóreos e sensíveis nos seus viventes. Enquanto uns desejavam a modernidade materializada em carros e outros *gadgets*, outros incorporavam o tradicionalismo e emanavam a nostalgia dos tempos pretéritos.

Se a tradição é uma resposta discursiva ao ideal do moderno, a efetiva transformação nos aparatos técnicos e dispositivos da cidade fizeram emergir a nostalgia enquanto materialidade afetiva nos viventes que viam suas referências do passado, seus lugares de memória (NORA, 1993), em ruínas:

Since the European seventeenth century, with the emergence of a new sense of temporality increasingly characterized by the radical asymmetries of past, present, and future, nostalgia as a longing for a lost past has developed into the modern disease per se. This predominantly negative coding of nostalgia within modernity is easily explained: nostalgia counteracts, even undermines linear notions of progress whether they are framed dialectically as philosophy of history or sociologically and economically as modernization. But nostalgic longing for a past is always also a longing for another place. Nostalgia can be utopia in reverse. Temporality and spatiality are necessarily linked in nostalgic desire. The architectural ruin is an example of the indissoluble combination of spatial and temporal desires that trigger nostalgia. In the body of the ruin the past is both present in its residues and yet no longer accessible, making the ruin an especially powerful trigger for nostalgia. (HUYSEN, 2006, p. 7).⁶

A nostalgia, segundo Krystine Batcho a partir de citação de F. Davis, “always occurs in the context of present fears, discontents, anxieties, or uncertainties” (pp.

⁶ Desde o século XVII europeu, com o surgimento de um novo sentido de temporalidade cada vez mais caracterizado pelas assimetrias radicais do passado, presente e futuro, a nostalgia como anseio por um passado perdido se transformou na doença moderna per se. Essa codificação predominantemente negativa de nostalgia dentro da modernidade é facilmente explicada: a nostalgia contrária, até mesmo mina as noções lineares de progresso, quer sejam enquadradas dialeticamente como filosofia da história ou sociologicamente e economicamente como modernização. Mas o desejo nostálgico pelo passado é sempre também um anseio por outro lugar. A nostalgia pode ser a utopia ao contrário. A temporalidade e a espacialidade estão necessariamente ligadas ao desejo nostálgico. A ruína arquitetônica é um exemplo da combinação indissolúvel de desejos espaciais e temporais que desencadeiam a nostalgia. No corpo da ruína, o passado está presente em seus resíduos e, no entanto, não é mais acessível, tornando a ruína um gatilho especialmente poderoso para a nostalgia.

34-35) as an attempt to help the individual to adapt to discontinuity in life”⁷. (BATCHO, 1995, p. 1). Nesse sentido, ela surge como recurso afetivo nos viventes da cidade do Recife diante das transformações ocorridas no espaço físico da cidade, borrando as memórias do passado, proporcionando ansiedades, incertezas, enfim, uma desreferencialização, uma perda das estruturas físicas nas quais nos apegamos para continuar a caminhada da vida. Sem memória, a jornada torna-se uma vertigem diacrônica em um caminho errante. Diante das ruínas, a nostalgia surge, então, como possibilidade de continuidade sincrônica entre o passado e o futuro, recurso afetivo e material, condição de possibilidade de um existir ainda possível. Tais afetos estão presente no eu lírico dos poetas recifenses, como demonstrarei em breve.

Portanto, a perplexidade do anjo da história apresentado por Benjamin se fazia presente também no Recife. Se as novas possibilidades tecnológicas e as transformações das condições materiais de existência instauraram um sentimento de paralisia nas primeiras décadas do século, agora o choque era com a moderna cidade em que efetivamente foi transformado o Recife através das políticas nesse sentido. O tradicionalismo e a memória, agora desligada de seus vestígios materiais, ainda soavam mais alto:

As coisas ganham uma urgência, os anos parecem passar mais rapidamente, a população cresce e o Recife já não é a cidade onde todos imaginam se conhecer. As suas distâncias, os seus ruídos, os seus ritmos, as suas trilhas, as suas cores, os seus esquecimentos, as suas lembranças, mudam ou parecem mudar com mais velocidade. As pessoas vão se sentindo, aos poucos, aprisionadas por um cotidiano mais largado do passado, com os olhos fascinados ou intimidados pelo novo. Algumas resistem, outras assumem a tensão e deixam-se seduzir pelas representações do moderno (REZENDE, 1997, p. 72).

A experiência não é igual para todos. Se uns apegam-se à memória e seus desejos de passado, outros entregam-se, minam suas resistências ao futuro aberto pela modernidade. A ausência material do passado, física e simbólica, proporciona efeitos nos corpos:

⁷ Sempre ocorre no contexto de medos presentes, descontentamentos, ansiedades ou incertezas na tentativa de ajudar o indivíduo a se adaptar às discontinuidades na vida.

Todo este processo irá, de certo modo, culminar na década dos 20. Seus contemporâneos foram quem mais fortemente sentiram o impacto destas transformações. Tanto mais se se considera que muitas destas mudanças tinham uma dimensão comportamental, implicando, por vezes, em fundas alterações nos hábitos sociais, nas tradicionais maneiras como as pessoas se relacionavam entre si e com a cidade. As reformas urbanas, em resumo, não deixavam de trazer em seu bojo uma reforma cultural (TEIXEIRA, 2007, p. 26).

Se o erigir material da modernidade tensionava as relações sociais e urbanas, elas também possibilitavam o recuo ao passado. As mesmas mídias que davam a ver o futuro, possibilitavam lembrar e celebrar o passado. Vejamos isso na prática dos poetas recifenses quando dos inícios da modernidade.

3. A EXPRESSÃO DOS AFETOS: MÍDIA E POESIA, MODERNIDADE E NOSTALGIA

No mesmo período em que ocorre o reaparelhamento urbano de partes da cidade do Recife, o então jornalista e estudante de Direito Joaquim Inojosa entra em contato com os ícones do modernismo artístico e, encantado com o que via, encara como missão a divulgação da sua liberdade criativa no Nordeste:

O romantismo e, por último, o parnasianismo, representavam as formas de expressão e o apuro dos estilos de comunicação da velha sociedade ameaçada. Os ademanos, o purismo exagerado, as imposições e controle lingüístico na escrita e nas formas verbais, a rima e a métrica, os alexandrinos e os seus hemistíquios, tudo estava na alça da mira dessa nova ebulição político-social. Podia-se repetir a frase decantada de um dos chefes da reforma no Rio, o saudoso Aníbal Machado: 'Não sabemos o que queremos, mas já sabemos muito bem o que não queremos' (BARROS, 1972, p. 224).

Essa última frase é emblemática do período. As dúvidas sobre os caminhos a seguir eram muitas, mas havia certa consciência de com o que se deveria romper. Assim, no retorno ao Recife, Inojosa inicia a divulgação das novidades que trazia de São Paulo, tornando-se o embaixador do modernismo no Recife.

A partir dali, teve lugar, na imprensa pernambucana, um embate entre **passadistas**, como eram chamados os defensores da tradição por Inojosa e seus seguidores posteriores, e **futuristas**, como, com certa confusão de conceitos, ficaram conhecidos, em Recife, até meados da década de 20, os adeptos do modernismo. Cada lado desse embate encontrou seu meio de expressão em revistas específicas. Cabe salientar que esses veículos de imprensa,

Que se chamava midubin e era torrado não era cozido
Me lembro de todos os pregões:
Ovos frescos e baratos
Dez ovos por uma pataca
Foi a muito tempo...
(...)
A vida com uma porção de coisas que eu não entendia bem
Terras que não sabia onde ficavam
Recife...
Rua da União...
A casa do meu avô...
Nunca pensei que ela acabasse!
Tudo lá parecia impregnado de eternidade
Recife...
Meu avô morto...
Recife morto, Recife bom, Recife brasileiro como a casa do meu avô.

Nesse poema, escrito em 1925, portanto, antes da visita do poeta à sua cidade natal, que se dá apenas em 1929, há o recurso à memória para narrar o Recife da infância de Bandeira, o Recife que desejava encontrar, mas sabia, através da imprensa e dos relatos de amigos conterrâneos que o iam visitar, já estar mudado.

No poema que foi posto como epígrafe deste artigo, escrito em 1940, podemos constatar o choque do poeta diante da cidade modificada e que não se coadunava com as imagens que guardava em sua memória e tanto desejava rever. Nesses versos é possível a identificação e a vinculação ao modernismo por seus versos livres, com a ausência de métricas e rimas perfeitas e pelo uso da linguagem coloquial. Contudo, a mensagem que pretende passar é que surpreende. Primeiramente, narra-se a imagem da cidade que tinha diante de si, com grandes avenidas e arranha-céus, símbolos da modernidade vigente, para, depois, rechaçá-la.

Se em **Evocação do Recife** Bandeira nos coloca diante de uma cidade do passado, do desejo, da memória, que, agora, não mais existia, estava morta, como o seu avô, em **Minha Terra**, o poeta nos traz de volta à cidade, reconstruindo-a para o leitor, só que agora em tom crítico, de recusa daquilo que, para ele, não tinha mais a emoção dos tempos de outrora. Dá-se, assim, a superação de uma letargia pela nostalgia diante das ruínas da memória.

Diferentemente de Bandeira, Joaquim Cardozo nasceu e cresceu no Recife, dali saindo apenas na idade adulta, já próximo dos quarenta anos de vida. Cardozo

era engenheiro, profissão que possuía seus vínculos com os encantos da modernidade e da modernização, e também cantou um **Recife Morto**:

Recife. Pontes e canais.
 Alvarengas, açúcar, água rude, água negra.
 Torres da tradição, desvairadas, aflitas.
 Apontam para o abismo negro-azul das estrelas.
 Pátio do Paraíso. Praça de São Pedro.
 Lajes carcomidas, decréptas calçadas.
 Falam baixo na pedra as vozes da alma antiga.

Gotas de som sobre a cidade,
 Gritos de metal
 Que o silencia da treva condensa em harmonia.
 As horas caem dos relógios do Diário
 Da Faculdade de Direito e do Convento
 De São Francisco:
 Duas, três, quatro... a alvorada de anuncia.

Agora a ouvir as horas que as torres apregoam
 Vou navegando o mar de sombra das vielas
 E o meu olhar penetra o reflexo, o prodígio,
 A humilde proteção dos telhados sombrios,
 O equilíbrio burguês dos postes e dos mastros,
 A ironia curiosa das sacadas.

As janelas das velhas casas negras,
 Bocas abertas, desdentadas, dizem versos
 Para a mudez imbecil dos espaços imóveis.

Vagam fantasmas pelas velhas ruas
 Ao passo que em falsete a voz fina do vento
 Faz rir os cartazes.

Asas imponderáveis, úmidos véus enormes.
 Figuras amplas dilatadas pelo tempo,
 Vultos brancos de aparições estranhas.
 (...)
 Recife,
 Ao clamar desta hora noturna e mágica,
 Vejo-te morto, mutilado, grande,
 Pregado à cruz das novas avenidas.
 E as mãos longas e verdes
 Da madrugada
 Te acariciam.

Nesse poema, o autor traça também, fazendo uso de uma liberdade formal, uma imagem da cidade através de sua história, de suas ruas e monumentos e finaliza criticando o espírito arrasador da modernização que destruiu abruptamente o passado da cidade. Conforme nos diz Raimundo Arrais, a cidade, aqui, aparece “sob a forma de cadáver a que a reduziram engenheiros e urbanistas. Contraditoriamente, Cardozo é um engenheiro-poeta que se manifesta contra as

transformações que os engenheiros, arquitetos e governos promoviam na capital” (ARRAIS, 2006, p. 73). Vê-se, então, que também neste poeta a modernidade está aliada a um conteúdo, em certo sentido, memorial e afetivo, com temas exaltando o passado histórico do Recife e onde também se faz uma crítica aos novos tempos.

Nos versos **Tarde no Recife**, Cardozo deixa transparecer certa adaptação aos novos itinerários modernos da cidade, como que atingindo uma sutil harmonia entre os elementos tradicionais e modernos:

Tarde no Recife.
Da ponte Maurício o céu e a cidade.
Fachada verde do Café Maxime,
Cais do Abacaxi. Gameleiras.

Da torre do Telégrafo Ótico
A voz colorida das bandeiras anuncia
Que vapores entraram no horizonte.

Tanta gente apressada, tanta mulher bonita;
A tagarelice dos bondes e dos automóveis.
Um camelô gritando: – alerta!
Algazarra. Seis horas. Os sinos.

Recife romântico dos crepúsculos das pontes,
Dos longos crepúsculos que assistiram à passagem dos
[fidalgos holandeses,
Que assistem agora ao movimento das ruas
tumultuosas,
Que assistirão mais tarde à passagem dos aviões para
[as costas do Pacífico;
Recife romântico dos crepúsculos das pontes
E da beleza católica do rio

Seja um Recife “pregado a cruz das novas avenidas”, ou o “Recife romântico dos crepúsculos das pontes (...) que assistem agora ao movimento das ruas tumultuosas”, o que percebemos é uma dizibilidade da modernidade que atinge o Recife traduzido nas imagens oscilantes do poeta, mas também presente em outros intelectuais. Como nos diz Weinstein:

Essa imagem surpreendentemente idílica e harmoniosa entre o moderno e o tradicional é particularmente reveladora das dificuldades que tinha Joaquim Cardozo em rejeitar o projeto modernizatório como um todo. A dificuldade – toda ela – residia, entretanto, em se encontrar um tempero, uma proporção na conjugação do novo com o antigo em que aquilo que os contemporâneos percebiam como sendo definidores de sua identidade não se desfizesse, não se desintegrasse. É possível

que isto não fosse mais que uma utopia irrealizável. Todavia, foi em torno dessa imprecisa e inalcançável identidade moderna que girou a produção cultural, não apenas sua, ou daqueles seus companheiros que faziam a *Revista do Norte*, mas de todos aqueles que de um modo ou de outro se preocupavam em dar uma resposta àquilo que experimentavam. É a isso que se viam convocados os regionalistas (TEIXEIRA, 2007, p. 31).

Essa mesma imagem oscilante entre o tradicional e o moderno pode ser encontrada em um poeta bastante conhecido no período, mas que caiu no esquecimento após sua morte, deixando, então, uma pequena produção literária: Benedicto Monteiro. Nascido e crescido no Recife, esse poeta chegou a ser considerado por seus pares como o poeta pernambucano mais alinhado ao modernismo devido ao seu estilo original de escrita. No entanto, mesmo neste poeta, percebemos certo elogio ao passado da cidade, como podemos perceber na seguinte obra/:

Portão barroco

Curvo, no teu traçado um capricho se imprime,
Lembra um colo de garça a curvatura imota.
Velho, a tua velhice alguma cousa ignota.
Traduz, alguma cousa imortal e sublime.

O tempo e a incúria humana atroz e ignóbil crime
Perpetram ao deixar-te ao léu na sua rota.
O modernismo vil nem ao menos te nota
A graça natural que a tua forma exprime.

Em torno o mangue roaz e o mar traidor e ignaro
Solapando-te a ti o alicerce preclaro
Vão e esperas o fim solitário e bisonho

A evocar do Passado as glórias que já viste.
E eu triste sofro ao ver o teu futuro triste
E tu sofres também imerso no teu sonho

Percebe-se nestes versos, um conflito entre o desejo de ver o futuro moderno e o apeço pelo passado de glórias. Com isso podemos notar a força da tradição e do passado tão arraigado aos dizeres constitutivos da cidade. A modernização que se apresentava violenta, devastadora, não se coadunava com o desejo daqueles que ali residiam e davam sentido à cidade. Mesmo entre os defensores do moderno, existia também um instinto de preservação e de continuidade com o passado, o que fica bastante claro nos poetas analisados, que renovam no estilo, na forma, mas recusam, em certo sentido, o conteúdo moderno que se apresentava. Se entre alguns passadistas a evocação do passado seguia muito a lógica da **beleza do**

morto, como nos aponta Jacques Revel⁸, ou seja, um culto ao passado por estar diante de sua perda, um apelo preservacionista ambíguo, que acessa o passado a partir de recursos presentes, mas sem qualquer tentativa de reinseri-lo nesse presente, o mesmo não ocorre aos modernistas, que procuram no passado e na tradição uma ponte com o presente moderno.

Esses conflitos parecem se aproximar do alerta que, dali a alguns anos, faria Benjamin sobre os perigos da estetização da vida política: “todos os esforços para estetizar a política convergem para um ponto. Esse ponto é a guerra” (BENJAMIN, 1987, p. 195). O elogio da técnica e dos aparatos desenvolvidos pela modernidade, presentes no manifesto futurista de Marinetti, levaram a sérios problemas na Europa, culminando com o mais violento e devastador conflito armado testemunhado pela humanidade até então. Se o alerta de Benjamin era um devir, não o era a consciência dos rumos e resultados da Grande Guerra. O que os poetas recifenses pareciam demonstrar era uma vontade da estética moderna, o elogio a sua forma, mas pareciam recusar a estetização a qualquer custo, pareciam querer encarnar o Anjo da História, com seu olhar perplexo diante dos escombros do passado. Seja como for, o que a ambiguidade do moderno no Recife certamente apresenta é o recurso às mídias do presente dos poetas como instrumento de apelo a um passado memorial. Como podemos ver em Bandeira, há um endosso da estética moderna ao confirmar a beleza do novo: “tem avenidas e arranha-céus... é hoje uma bonita cidade”, mas, ao mesmo tempo, uma categórica recusa a sua materialidade: “diabo leve quem pôs bonita a minha terra”.

Nesse contexto de embates estético-políticos, vai-se desfazendo a aparência antiga da capital pernambucana, dando a ela formas e feições mais adequadas aos novos tempos. Contudo, a cidade não é feita apenas de cimento, areia e pedras. Ela é também produto de sonhos e desejos. Como já disse anteriormente, a cidade é um espaço de significados, tornado lugar e nomeado moradia pelos homens e mulheres que nela habitam. A modernização do espaço físico, por si, de fato não remete a um caráter moderno da cidade. O caráter físico está em conexão com aquilo que se diz, se vê, com aquilo que é dito construído por aqueles que habitam esse espaço, seja de forma positiva ou negativa. Ele está em conexão com o que afeta os corpos.

⁸ REVEL, Jacques. A beleza do morto. *In*: REVEL, Jacques. *A invenção da sociedade*. São Paulo: Difel, 1989. p. 49-75.

Como procurei demonstrar, os discursos poéticos sobre as renovações urbanas no Recife possuem um caráter nostálgico, refúgio de sentidos e experiências do passado em ruínas, no entanto, contribuem inequivocamente para a sua visibilidade enquanto frutos da modernidade que avançava. Os discursos emergem das ações e feitos reais dos homens, mas também a eles dão sentido e visibilidade, constituindo-se em um campo de fala do discursivo. Esse é um processo ambíguo, uma via de mão dupla. Repito: a cidade é um corpo sensível, um todo material sobre o qual produz-se sentidos e inscrevem-se afetos por e para aqueles que a habitam e os anos 20 no Recife são anos emblemáticos e que dizem muito sobre esse espaço significado. Uma cidade que, através do movimento modernista e das iniciativas urbanísticas em Pernambuco, adere às exigências da modernidade, mas sem perder seu caráter tradicionalista. Aí reside, o acontecimento da modernidade no caso recifense. O moderno é constituído no Recife da década de 20 a partir de seu diálogo com a tradição. É nesse embate que ele se torna dizível, palpável, materializado, porque produz efeitos corpóreos, produz afeto. O moderno da capital pernambucana nesse momento não deixa de ser uma resposta às exigências dos novos tempos, mas adaptado e adequado ao caráter tradicionalista da cidade, dizendo muito sobre ela.

Tal adequação deixava claros os limites de aceitação do moderno a que estavam abertos os recifenses. De uma forma geral, pode-se dizer que os padrões de progresso, civilização, higiene, velocidade, presentes na modernidade europeia e amplamente aceitos nas grandes cidades brasileiras foram, em sua grande parte, também enraizados na capital pernambucana, apesar dos apelos saudosistas dos poetas.

O que se pode concluir é que a modernização desejada no Recife possuía uma particularidade que era justamente esse diálogo constante com a tradição. Havia, no Recife, essa **presença** do passado. As imagens e discursos da cidade produziam a presença da tradição, diferentemente de São Paulo, por exemplo, que construiu imagens de progresso e civilização sem nenhuma ligação com o passado, como se fosse uma cidade recém-nascida, filha da modernidade mãe solteira.

Vemos, portanto, a modernidade como um princípio que se forma não apenas pelo agir, mas também pelo desejar, pelo sentir, pelo sonhar dos homens e mulheres que habitam o espaço da cidade. A modernidade daquela capital é

construída através da fala dos intelectuais, dos atos daqueles que detém o poder político, das inúmeras redes de construção simbólica presentes em um todo cultural, todos eles pautados nas ruínas do passado vivido ou imaginado.

Concluindo, parece agora estar claro que os poetas recifenses que procuraram encarnar o Anjo da História de Benjamin foram, em parte, vencidos. Sua modernidade ambígua, de elogio a estética, mas de forte recusa aos aparatos da modernidade e aos agenciamentos políticos das tecnologias, foi suplantada pelo projeto moderno em sua totalidade materializada na cidade. A experiência estética da modernidade no Recife é ambígua: moderna na forma, nostálgica e passadista no dizer. A produção de sentido sobre a cidade, sua narrativa poética, feita diante das ruínas do passado, vestígios materiais da cidade desejada, produziu afetos corpóreos, desde a perplexidade diante das transformações urbanas que se processavam e varriam os lugares da memória e processavam uma perda da matéria, até o real desejo de passado, a nostalgia, todos efeitos discursivos, mas que se realizavam materialmente nos corpos. Os poetas da cidade, em fluxo de mão dupla, através de uma medialidade em transformação, seja das revistas que se renovavam tecnicamente, seja da nova forma da poesia modernista, expressavam esses sentimentos, contribuindo para forjar uma narrativa da presença, uma narrativa nostálgica de um passado em ruínas, mas ainda materializado nos afetos corpóreos.

Olhando retrospectivamente, talvez possa-se entender que os clamores pelo passado não puderam suportar o desejo do novo da modernidade, a vontade de trilhar o caminho ao futuro prometido. Soubessem eles o que esse futuro os guardava, dariam razão aos poetas em sua busca pelo passado, como hoje demonstra nosso paradigma pós-moderno, do passado-presente. Mas à história não cabe julgamentos retrospectivos. Não cabe lamentos. Cabe apenas os afetos, experiências de um passado memorial: a nostalgia.

**THE BODILY AND SENSITIVE TIME OF THE CITY:
A STUDY OF MODERNITY IN RECIFE THROUGH LITERATURE**

ABSTRACT

This article talks about the body. The body of the city, the sensitive body and the expressive body of the word. I intend to seek, from a study of Recife's modernity, to explore the affections produced by the transformations of the urban devices on the people and expressed by the literature, trying to demonstrate that traditionalism, besides a common presence in Brazilian modernism, incorporates other bodies and senses in Recife, standing as a desire for past and resistance before the haunts of modernity. In other words, I try to perceive what sensible and, therefore, also corporeal effects, the transformations of technical order in the physical body of the city of Recife produced in their living ones through poetic expression. The central argument of the text is to argue that perplexity in the face of the loss of the material vestiges of the past has produced material effects on the bodies of the living ones, thus creating nostalgia as a refuge and literature being the medium of expression of these affections and meanings.

Keywords: City. Modernity. Tradition. Body. Materiality.

REFERÊNCIAS

ARRAIS, Raimundo. **A Capital da Saudade: destruição e reconstrução do Recife em Freyre, Bandeira, Cardoso e Austragésilo**. Recife, Ed. Bagaço: 2006.

AZEVÊDO, Neroaldo Pontes. **Modernismo e regionalismo (os anos 20 em Pernambuco)**. João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba, 1984.

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. 20. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BARROS, Souza. **A década de 20 em Pernambuco: uma interpretação**. Rio de Janeiro, 1972.

BELLUZZO, Ana Maria de Moraes (Org.). **Modernidade: vanguardas artísticas na América Latina**. São Paulo: Memorial da América Latina/UNESP, 1990.

BENJAMIN, Walter. "Paris, capital do século XIX". IN **Walter Benjamin**; Col. Grandes Cientistas Sociais, São Paulo: Ática, 1985.

- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**. Volume 1 – Magia, técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 1995.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolíticas: cartografias do desejo**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2007.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Modernização dos sentidos**. São Paulo: Ed. 34, 1998.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.
- HOBBSBAWN, Eric; RANGER, Terence (orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- HUYSSSEN, Andreas. Nostalgia for Ruins. **Grey Room**, n. 23, p. 6-21. MIT Press, 2006.
- KITTLER, Friedrich. **Gramophone, Film, Typewriter**. Stanford University Press, 1999.
- LUSTOSA, Isabel. **A descoberta da América: o lugar dos EUA no Modernismo brasileiro**. Rio de Janeiro: Fundação casa de Rui Barbosa, 1995
- MARTINS, Luciano. A gênese de uma inteligência: os intelectuais e a política no Brasil; in **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, nº. 4, São Paulo: ANPOCS, 1987.
- NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**, n. 10, p. 7-28. São Paulo, 1993.
- PECÁUT, Daniel. **Os intelectuais e a política no Brasil**. São Paulo: Ática, 1990.
- REVEL, Jacques. A beleza do morto. In: REVEL, Jacques. **A invenção da sociedade**. São Paulo: Difel, 1989.
- REZENDE, Antonio Paulo. **(Des)Encantos modernos. Histórias da cidade do Recife na década de vinte**. Recife: FUNDARPE/CEPE, 1997
- TEIXEIRA, Flávio Weinstein. **As cidades enquanto palco da modernidade. O Recife de princípios do século**. Dissertação de Mestrado. Departamento de História, UFPE, 1994.
- TEIXEIRA, Flávio Weinstein. **O Movimento e a Linha - Presença do Teatro do Estudante e d'O Gráfico Amador no Recife (1946-64)**. Recife: Ed. UFPE, 2007.
- ULM, Hernán. **La distancia y el instante. Técnica, estética y política en el devenir digital**. Texto inédito, cedido pelo autor. 2018.